



## **Narrativas tecidas na formação em Rede no PIBID FURG**

Aline Machado Dorneles (lidorneles26@gmail.com)

**Eixo temático** Experiências de Formação.

### **1. INTRODUÇÃO**

No presente relato apresento narrativamente minha experiência de formação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Busco resgatar e documentar uma história de formação em Rede, são narrativas da minha autoria, mas que ressoam vozes, saberes e experiências de um coletivo. Desse modo, irei contextualizar uma breve história do PIBID na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) a partir das experiências que construí desde o ano de 2009. No detalhamento das atividades apresento a organização dos processos de escrita narrativa, sendo uma das ações articuladoras do PIBID FURG. Na análise e discussão da experiência resgato narrativas como modo de fomentar a Rede do PIBID como espaço de formação acadêmico-profissional de licenciandos e professores.

### **2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES**

A proposição da narrativa como dispositivo de formação no PIBID/FURG começou na primeira edição do projeto, no ano de 2009, com continuidade a cada novo edital. A narrativa torna-se um eixo articulador das ações no âmbito de cada subprojeto em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), plataforma *Moodle*. As narrativas são lidas e dialogadas no ambiente, num exercício de escrever o que a história do outro faz o leitor pensar (DORNELES; GALIAZZI, 2012).

O contexto desse relato busca documentar a importância da narrativa ao longo da história de formação de professores no PIBID FURG como modo de pensar a sala de aula e de construir saberes e experiências da docência em diferentes atividades do Programa, dentre elas as escritas de histórias de sala de aula, publicização dos álbuns de histórias e a escrita em portfólios coletivos (SOUZA, 2011, DORNELES, 2013, 2016). A narrativa compreendida como dispositivo de formação, em que os licenciandos e professores percebem-se autores das suas próprias experiências vividas na sala de aula. Ao narrar, partilham e conversam com outros colegas, numa linguagem prática, com suas próprias palavras. Por meio do registro narrativo, tornam-se capazes de darem-se conta das suas limitações e desafios, sendo impulsionados a buscar argumentos, a conversar com outros sujeitos e a repensar sua ação (SUÁREZ, 2008).

No presente edital com início em outubro de 2020 assumi a coordenação institucional do PIBID FURG com o desafio de pensar, juntamente, com o coletivo de

15 coordenadores de subprojetos um PIBID no contexto online. São novos desafios diante de tempos pandêmicos marcados por um lamentável cenário político de descompromisso com a vida das pessoas, atrelado a um triste contexto de desigualdade social e econômica. Com isso, compreendo a necessidade de fomentar as dimensões da ética, da política e da estética na formação de professores, e assim continuar na luta pela continuidade de Programas de formação de professores, como o PIBID.

O PIBID FURG desenvolve suas ações em rodas de formação virtuais com encontros síncronos semanais de formação nos 7 subprojetos interdisciplinares, constituindo espaços privilegiados de questionamento e investigação da prática profissional no atual contexto educativo. No Ambiente Virtual de Aprendizagem cada subprojeto organiza as ações assíncronas, sendo a narrativa uma ação formativa que articula a Rede do PIBID FURG. A partilha de narrativas da docência em cada subprojeto permite que os silêncios do trabalho online sejam ditos e partilhados, são oportunidades de diálogo, construção de conhecimento e valorização da formação do professor.

Há uma identidade construída pela narrativa como caminho para oportunizar a autoria ao longo da história do PIBID na FURG. A partir da publicação dos álbuns de histórias de sala de aula do PIBID FURG, sendo as histórias previamente selecionadas em cada subprojeto, e depois cada história é ilustrada de modo criativo representando os detalhes da narrativa. Os álbuns apresentam uma diversidade de temas relativos à educação, sala de aula, práticas pedagógicas e a formação de professores, fortalecendo a aposta da escrita narrativa (GALIAZZI; PAULITSCH, 2011; GALIAZZI; PAULITSCH; COLARES, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016). Tal aposta é presente na história de sala de aula presente no 6º Álbum de Histórias<sup>1</sup>, como segue:

**Figura 01:** Álbum de histórias de sala de aula

## A sala de aula dos números

PIBID Matemática  
Matheus Pimentel Gomes

Era uma vez uma sala de aula diferente de todas que já se ouviu falar, a Sala de Aula dos Números. Nela estudavam todos os números singulares; havia o Um, era magrinho e representava poucas coisas; o Dois, que era um dos mais belos; e assim seguia até o Nove, cada um com suas características. Dentre os alunos desta sala de aula, Um era frequentemente excluído por seus colegas, o Zero. Eles diziam que o Zero não significava nada e sua aparência redonda o diferenciava muito do restante da sala. O aluno que mais incomodava o Zero e os seus colegas era o Nove, ele frequentemente dizia que era o maior e mais importante aluno, pois ele representava muitas coisas.

Certa vez, em uma atividade que envolvia cooperatividade em sala de aula, os alunos decidiram trabalhar individualmente, pois eram muito egoístas e achavam-se superiores aos seus colegas, principalmente o Nove. A exceção nessa atividade foi os alunos Um e Zero. Eles decidiram se juntar para fazer a atividade e a completaram magnificamente, dando origem a um novo colega: o Dez. O restante da turma ficou surpresa com aquele aparecimento. O Nove ficou chateado por ter perdido seu posto de ser maior e mais importante, pois havia surgido o Dez, o mais sábio de todos eles e, por enquanto, o maior. Em seu primeiro pronunciamento ele disse que possuía outros colegas que gostariam de estudar na Sala de Aula dos Números, mas para que eles pudessem ter acesso a esta sala os alunos deveriam se juntar e trabalhar em equipe afim de trazê-los. E o trabalho começou...

A partir daquele fato a escola ficou muito maior, cresceu infinitamente na diversidade e todos os alunos ficaram mais humildes,  
pois sabiam que  
**nenhum**  
seria o maior de todos.

1+0

39

Fonte: EduCAPES

<sup>1</sup> A 6ª edição do Álbum de histórias de sala de aula do PIBID/FURG está disponível no eduCAPES.

Link de acesso:

[www.educapes.capes.gov.br > bitstream > capes > PIBID6\\_livrodigital](http://www.educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/PIBID6_livrodigital)

A história é narrada por um acadêmico do curso de Licenciatura em Matemática, e percebo a criatividade e a invenção como modo de construir conhecimento a respeito da sua área de formação, bem como, sinaliza pela narrativa o respeito, o reconhecimento do outro e do trabalho coletivo. Dessa forma, durante esses anos a narrativa no PIBID/FURG tem se mostrado como potencializadora do fazer e repensar a sala de aula, como também oportuniza a autoria e a publicização do que é vivido na escola, e assim por meio das histórias, licenciandos e professores partilham de suas experiências e expectativas com outros interlocutores.

### **3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO**

Resgato minhas experiências tecidas no PIBID FURG e busco aqui partilhar os movimentos que constituem os processos de formação em Rede, com a partilha de vozes, sentimentos e lembranças que me fazem chegar até aqui. Na pesquisa de mestrado tive a oportunidade de estar presente nas rodas de formação do PIBID Química, participei intensamente do processo que iniciava com o primeiro edital do programa para as Licenciaturas da área de Ciências e Matemática. Desde o ano de 2009 a história de formação de professores na FURG começa a ser outra, com a ampliação do PIBID para todos os cursos de Licenciatura. Nos últimos 6 anos com os cortes de bolsas foi preciso criar subprojetos interdisciplinares, e assim criar estratégias de ter coordenação partilhada como modo de fomentar a continuidade do programa na instituição.

No ano de 2012 retornei para a FURG, após algumas andanças, concursos e vivências, cheguei como professora no curso de Licenciatura em Química, curso esse que oportunizou minha formação inicial. Diante dos desafios da docência universitária tive o convite para assumir o papel de gestora no PIBID FURG, com as demandas de organizar o fomento para realizar as atividades de formação, como por exemplo, a participação nos Encontros de Investigação na Escola. Lembro-me da viagem ao EIE em Santa Maria, foram 6 ônibus saindo de Rio Grande com a participação dos bolsistas de iniciação à docência, professores supervisores e coordenadores. Bons tempos em que havia incentivo e valorização das Licenciaturas e dos processos de formação de professores. O PIBID fortalece a formação em Rede, e sua história mobiliza os coletivos na luta pela permanência do programa.

Minha história continua como coordenadora no subprojeto PIBID Química, e buscava incentivar a escrita, pois na época estava imersa também nos estudos da pesquisa narrativa e tecendo minha tese de doutorado no contexto do meu fazer profissional. Tive a experiência de mediar os processos de escrita narrativa nos portfólios coletivos, e assim vivenciar que o escrever não é tarefa fácil! Mas, a formação em Rede proposta no PIBID buscava e busca, até hoje, a linguagem escrita e por meio dela fomentar a leitura, a conversa e, assim desenvolver a reescrita da experiência narrada. A história a seguir narro o que me aconteceu ao vivenciar e experienciar o processo de escrita narrativa no PIBID/Química:

Contar as experiências de um trabalho coletivo não é tarefa fácil, pois afinal quando somos coletivos? E quando somos um grupo? Penso que o trabalho em grupo pode vir a ser um coletivo, quando os sujeitos colocam-se como aprendentes com o outro.

A reflexão acima encaminha minha narrativa reflexiva das experiências de um grupo que vem se constituindo num coletivo. O olhar de cada um para as experiências que constroem no coletivo é diferente, por isso, narro minhas experiências construídas e reconstruídas com os outros.

No dia 07 de abril de 2014, iniciamos nossas atividades e, daquele dia em diante, nossas tardes de segundas-feiras não foram mais as mesmas, pois

decidimos por um trabalho em grupo. Alguns que ali chegavam já se sentiam num coletivo, afinal, tinham alguns anos de trabalho e amizade construídos em outros grupos, porém agora era diferente! Havia outras pessoas, outro espaço de encontro, outra proposta de formação.

Inicialmente, nos conhecemos por meio das nossas histórias de vida e formação, foi muito bacana! Aproximamo-nos já como coletivo nessa atividade. As histórias se entrelaçavam por meio das escolas o qual estudamos na infância, nos desenhos animados da época, os jogos de videogame, dentre outras lembranças.

Os meses de trabalho foram se passando, a cada segunda-feira muitas aprendizagens, conversas e belíssimos cafés. Os licenciandos foram estabelecendo a parceria com o professor supervisor e nas conversas sobre a experimentação fomos tomando decisões de propostas de planejamento para o semestre. A ideia foi vivenciar com mais calma e intensidade cada momento de formação, então desenvolvemos uma atividade experimental em cada escola. A experimentação para alguns professores não se tornava tão presente na sala de aula. Mas isso não foi problema, pois agora decidimos ser coletivo, e quando se trabalha na parceria é possível realizar a experimentação e fazer dela um acontecimento na sala de aula e na nossa formação.

Fazer da experimentação um acontecimento é possibilitar que algo nos aconteça, que algo nos desacomode, que algo nos desconstrua no coletivo. O sentido da experiência para Larrosa é esse, que possa ser aquilo que nos acontece, que estão presentes nas conversas em torno da experimentação, no registro das perguntas no portfólio coletivo e das narrativas nos portfólios de cada professor supervisor e licenciandos. A escrita da experiência de cada um é um momento único, afinal é o que “eu decido contar” e compartilhar com o coletivo.

O envolvimento com a escrita precisa ser intenso, é preciso escrever para pensar, conforme nos diz Mário Osório Marques no seu livro “Escrever é preciso”. Por isso, penso que precisamos nos envolver mais com o processo da escrita, isso não quer dizer que não estamos escrevendo, estamos sim! Mas é torná-la mais envolvente para quem escreve e para quem lê e, para isso, o olhar do outro é importante, pois me faz pensar, repensar e reescrever. Relemos o que escrevemos no portfólio? Será que o outro lê o que escrevo? Fica o convite para os leitores que chegaram até o final dessa narrativa reflexiva, que expresse seus sentimentos e ideias de como podemos intensificar nosso processo de escrita nos portfólios e nas histórias de sala de aula (História de sala de aula; maio de 2014)<sup>2</sup>.

As histórias que vivenciei no processo de formação do PIBID/Química retratam o começo de uma carreira profissional, com angústias e dilemas de ser professora, coordenadora de projeto e demais demandas da instituição de ensino. Destaco na história narrada a papel da escrita como dispositivo da formação docente, sendo a narrativa considerada uma forma particular de criar significados, bem como, caminho para expressar emoções, desejos e pensamentos.

No PIBID FURG as histórias de sala de aula narradas em cada subprojeto favorecem estabelecer uma rede de experiências, sendo compartilhadas como dispositivos da formação docente.

A história continua com a experiência em coordenar um subprojeto do PIBID Ciências na Educação à Distância (EaD) na FURG. Sendo um subprojeto que envolvia três polos em municípios distintos, havia uma coordenação compartilhada com mais dois

---

<sup>2</sup> As histórias de sala de aula do PIBID/FURG são narradas, semestralmente, em ambiente virtual de aprendizagem na plataforma *moodle*.

colegas. No ano 2018, o PIBID teve grandes cortes de bolsas, por isso a reorganização dos subprojetos de modo a contemplar um número maior de cursos de Licenciatura. Os encontros semanais de formação aconteciam com a ida dos pibidianos ao polo do seu curso, e o meu desafio era conduzir as reuniões de modo online, sendo minha presença atrelada ao uso de artefatos tecnológicos, por vezes, não havia uma boa conexão de internet no polo, mas contava com uma ativa participação da professora supervisora como coformadora, e, por vezes, conduzia os encontros de formação.

Então, após uma longa caminhada de formação, estudo e pesquisa na formação de professores em Rede no PIBID, no mês de janeiro do ano de 2020 recebi o convite para assumir a coordenação institucional do PIBID FURG. Assumir o compromisso de continuar uma história tecida de tantas outras histórias, sujeitos e experiências, e assim seguir na aposta de fomentar os processos de formação em Rede. Atualmente, somos um coletivo de 15 coordenadores de área atuando em 7 subprojetos interdisciplinares, totalizando 168 bolsistas de iniciação à docência e 21 professores supervisores. Cabe ressaltar que nos últimos anos há uma constante redução no número de bolsas, bem como cortes nas verbas para manutenção do programa nas instituições públicas, mas por outro lado o fortalecimento da Redes de professores no PIBID, em âmbito nacional, possibilita sua permanência, mesmo diante dos ataques e cortes vividos no governo atual.

O que aprendi no PIBID? O que aprendo no PIBID? Tenho orgulho de narrar essa história vivida no PIBID, o primeiro programa brasileiro que fomenta bolsas de iniciação à docência. Por isso, documento essa história que entrelaça outras vozes, desejos e lutas em ter o reconhecimento e a valorização da profissão docente. Assim, aprendi e aprendo que em Rede somos mais fortes.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente relato busquei narrar em primeira pessoa, mas sem deixar de ressoar as vozes que fazem essa história acontecer, por isso cabe aqui reforçar a potência das Redes de formação docente constituídas no PIBID. Ao resgatar minha história, também resgato e documento a relevância do PIBID para os cursos de Licenciatura, sendo um programa que luta por reconhecimento e permanência como política pública na formação de professores.

Na Rede do PIBID FURG nos seus 12 anos vive coletivamente a experiência narrativa e, nela, a transformação em relação à compreensão sobre os processos de dialogar, indagar e construir conhecimento em Rede. Logo, a narrativa constitui um outro modo de desenvolver a escrita, não somente como ferramenta para comunicar, validar e transmitir o conhecimento oriundo de investigações científicas externas, tão presente na academia. Por isso, finalizo com o argumento a respeito da importância da escrita narrativa na formação de professores como modo de fazer investigação a partir das experiências de cada um, com um trabalho colaborativo e horizontal entre professores e acadêmicos.

#### **4. REFERÊNCIAS**

DORNELES, A. *A bordadura da sala de aula de Química em Rodas de Formação*. Curitiba: Editora Appris, 2013.

DORNELES, A.; GALIAZZI, M.C. *Histórias de Sala de Aula de Professoras de*

Química: Partilha de Saberes e de Experiências nas Rodas de Formação do PIBID/FURG. *Química Nova na Escola*, vol. 34, n° 4, p. 256-265, nov., 2012.

GALIAZZI, Maria do Carmo.; PAULITSCH, Vivian. (orgs). *Álbum do PIBID/FURG*. Rio Grande: Editora da FURG: 2011.

GALIAZZI, Maria do Carmo.; PAULITSCH, Vivian.; COLARES, Ioni (orgs). *Álbum do PIBID/ FURG*. Rio Grande: Editora da FURG: 2012.

GALIAZZI, Maria do Carmo.; PAULITSCH, Vivian.; COLARES, Ioni (orgs). *Álbum do PIBID/ FURG*. Rio Grande: Editora da FURG: 2013.

GALIAZZI, Maria do Carmo.; PAULITSCH, Vivian.; COLARES, Ioni (orgs). *Álbum do PIBID/ FURG*. Rio Grande: Editora da FURG: 2014.

SOUZA, Moacir. *Histórias de Professores de Química em Rodas de Formação em Rede*: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

SUAREZ, Daniel. A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa-ação-formação de docentes. In: PASSEGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo, SP: Paulus, 2008.